

LIÇÃO 3 - A MORTE PARA O VERDADEIRO CRISTÃO

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto.
E-mail do autor: inaciocarvalho@inaciocarvalho.com.br.

Comentários introdutórios:

1) Conceito e espécies de morte:

- A morte representa o maior enigma da vida humana. A humanidade sempre tentou desvendar este mistério, chamado por filósofos existencialistas de "angústia da morte", visto que o grande paradoxo do ser humano é precisamente o fato de ter consciência de que irá morrer. Jó assim já tinha se questionado: "Morrendo o homem, porventura, tornará a viver?" (Jó 14.14). E os tessalonicenses também se questionavam a respeito, o que motivou os ensinamentos de Paulo (1Ts. 3.2). Definitivamente, a morte não era plano de Deus para a humanidade, já que a própria Bíblia afirma ser ela o salário do pecado (Ef. 6.23). Por isso é tão difícil para o ser humano lidar com esse fato. Desejar descobrir o que acontece após a morte é uma curiosidade normal. É lícito tentar descobrir, à luz da Bíblia, o trajeto que aguarda o homem quando o fôlego de vida faltar. Convém, contudo, não esquecermos da advertência de Dt. 29.29: "As coisas encobertas são para o SENHOR, nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos, para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei".

- O conceito jurídico mais comum de morte é a cessação das atividades cardíacas e cerebrais. Note-se que se requer a conjugação de ambos os elementos (parada do coração e do cérebro), afastando, portanto, a possibilidade da chamada "morte cerebral", que abrange apenas a cessação das atividades cerebrais. A medicina, contudo, aceita a morte apenas cerebral como efetiva morte. Popularmente, a morte é definida como a interrupção da atividade elétrica do cérebro como um todo, ou, mais simplesmente, a cessação de todos os fenômenos vitais.

- Todo ser humano, crente ou não, está sujeito à morte. A diferença é que, para o crente, a morte não é o fim da vida, mas o início de uma plena, sublime e eterna comunhão com Deus.

- A palavra "morte" tem, na Bíblia, vários sentidos. É importante compreendermos os vários sentidos desse termo na Palavra de Deus, para entendermos então o que é realmente a morte física e a morte espiritual.

- A morte física é um resultado direto do pecado. Adão e Eva foram criados com a capacidade de viverem para sempre. Ao desobedecerem o mandamento de Deus, tornaram-se sujeitos à penalidade do pecado, que é a morte (Rm. 6.23). Embora não tendo eles morrido imediatamente, o pecado trouxe como consequência a sujeição à lei da morte, como resultado da maldição divina (Gn. 3.19).

- Adão e Eva também morreram no sentido moral; a desobediência causou imediatamente a abertura para a natureza pecaminosa, que passou a toda a humanidade. A natureza pecaminosa é uma tendência inata a seguir seu próprio caminho egoísta, alheio a Deus e ao próximo (Gn. 3.6; Rm. 3.10-18; Ef. 2.3; Cl. 2.13).

- Adão e Eva também morreram espiritualmente quando desobedeceram a Deus, pois a desobediência destruiu o relacionamento íntimo que tinham antes com Deus (Gn. 3.6). Com o pecado, deixaram de desejar caminhar e conversar com Deus no jardim; pelo contrário, esconderam-se da Sua presença (Gn. 3.8). A Bíblia também ensina que, à parte de Cristo, todos estão alienados de Deus e da vida nEle (Ef. 4.17-18), ou seja, espiritualmente mortos.

- Por fim, a morte, como resultado do pecado, importa em morte eterna. A vida eterna viria pela obediência de Adão e Eva (Gn. 3.22); ao invés disso, a lei da morte eterna entrou em operação. A morte eterna é a eterna condenação e separação de Deus como resultado da desobediência do homem para com Deus.

- Quando Jesus disse "deixa aos mortos sepultar os seus mortos" (Mt. 8.22), naturalmente, não estava ele se referindo à morte física, ao menos não na primeira referência aos mortos, já que o morto fisicamente não pode sepultar ninguém. Obviamente estava Ele referindo-se à morte espiritual.

- A única maneira de o ser humano escapar da morte em todos os seus aspectos é através de Jesus Cristo, que "aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção" (2Tm. 1.10). Ele, mediante a Sua morte, reconciliou-nos com Deus e, assim, desfez a separação e alienação espirituais resultantes do pecado (Gn. 3.24; 2Co. 5.18). Pela Sua ressurreição, Ele venceu e aboliu o poder de Satanás, do pecado e da morte física (Gn. 3.15; Rm. 6.10; 5.18-19; 1Co. 15.12-28; 1Jo. 3.8). Não estaremos, naturalmente, livres da morte física, a não ser que estejamos vivos por ocasião do arrebatamento, mas estaremos livres da morte eterna.

2) A morte física do crente:

- Embora o crente tenha certeza da vida ressurreta, não deixará de experimentar a morte física. Todavia, o crente encara a morte de forma diferente da encarada pelo incrédulo. E, em consequência, o cristão também encara a vida de forma diferente.

- A morte, para os salvos, não é o fim da vida, mas um novo começo. E, por isso, ela não é um terror (1Co. 15.55-57), mas um meio de transição para uma vida mais plena. Para o salvo, morrer é ser liberto das aflições deste mundo (2Co. 4.17) e do corpo terreno, para ser revestido da vida e glória celestiais (2Co. 5.1-5).

- Assim como Cristo ressuscitou, fato este sobejamente provado (1Co. 15.4-8), nós também ressuscitaremos com Ele.

- A Bíblia refere-se à morte do crente em termos consoladores. Entre outras, Ela diz que a morte do santo "preciosa é à vista do Senhor" (Sl. 116.15); é a entrada na paz (Is. 57.1-2) e na glória (Sl. 73.24); é ser levado pelos anjos "para o seio de Abraão" (Lc. 16.22); é ir ao Paraíso (Lc. 23.43); é ir à casa de nosso Pai, onde há "muitas moradas" (Jo. 14.2); é uma partida bem-aventurada para estar com Cristo (Fp. 1.23); é ir "habitar com o Senhor" (2Co. 5.8); é um dormir em Cristo (1Co. 15.18; Jo. 11.11; 1Ts. 4.13); "é ganho... ainda muito melhor" (Fp. 1.21,23); é a ocasião de receber a coroa da justiça (2Tm. 4.8).

- Quanto ao estado dos salvos, entre sua morte e a ressurreição do corpo, as Escrituras ensinam que: a) no momento da morte, o crente é conduzido à presença de Cristo (2Co. 5.8; Fp. 1.23); b) eles permanecem em plena consciência (Lc. 16.19-31); c) desfrutam de alegria diante da bondade e do amor de Deus (Ef. 2.7); d) o céu é como um lar, ou seja, um maravilhoso lugar de repouso e segurança (Ap. 6.11) e de convívio e comunhão com os santos (Jo. 14.2); e) o viver no céu incluirá a adoração e o louvor a Deus (Sl. 87; Ap. 14.2-3; 15.3); f) os salvos no céu, até o dia da ressurreição do corpo, não são espíritos incorpóreos e invisíveis, mas seres dotados de uma forma corpórea celestial temporária (Lc. 9.30-32; 2Co. 5.1-4); g) no céu, os crentes conservam sua identidade individual (Mt. 8.11; Lc. 9.30-32); h) os crentes que passam para o céu continuam a almejar que os propósitos de Deus na Terra se cumpram (Ap. 6.9-11).

- Embora o salvo tenha grande esperança e alegria ao morrer, os que ficam não deixam de lamentar a morte de um ente querido. Quando Jacó faleceu, por exemplo, José lamentou profundamente a perda de seu pai (Gn. 50.1). O mesmo ocorre com todos os crentes, quando falece um ente querido.

- Outra questão que sempre causa dúvidas nesta área é se iremos nos reconhecer no céu. A Bíblia afirma que haverá sim reconhecimento entre os salvos no céu, mas isso acontecerá no nível da personalidade, não das

lembranças físicas. Comprova esta tese o fato de que os apóstolos reconheceram Moisés e Elias no Monte da Transfiguração, mesmo sem os ter conhecido antes (Mc. 9.2-8). No céu não haverá pranto, nem lágrimas, nem dor, pois as primeiras coisas já são passadas. Vamos nos reconhecer no céu, mas não teremos lembranças amargas que possam tirar nossa bem-aventurança.

3) Heresias acerca da morte:

- Na morte, a alma dos crentes é aperfeiçoada em santidade e entra na vida de adoração nos céus (Hb. 12.22-24), ou seja, eles são glorificados. Alguns não aceitam isso, ensinando que há uma disciplina purgativa depois da morte, que equivale a um posterior estágio de santificação. Nesse purgatório, a alma seria preparada por um período de tempo para ser purificada, a fim de poder ver a Deus. Essa doutrina, contudo, não tem base bíblica. A morte é decisiva para o destino. A Bíblia não ensina que, após a morte, haja outra possibilidade de salvação para o perdido (Lc. 16.26; Hb. 9.27). Depois da morte, tanto os piedosos como os ímpios colherão o que tiverem semeado neste mundo (Gl. 6.7-8). A Bíblia nunca nos incentiva a pensar que haverá segunda chance de aceitar a Cristo depois da morte. A parábola do rico e de Lázaro nos ensina que o rico foi imediatamente para o *Hades*, para o lugar de tormentos, e não dá esperanças de que seja possível passar de lá para o Paraíso depois da morte, apesar de o rico ter clamado no *Hades*: "Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim" (Lc. 16.24). Mas a resposta foi: "está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá" (Lc. 16.26). Lamentavelmente, a alma dos descrentes vai imediatamente para o lugar de tormentos e lá aguardará até o juízo final, quando será lançada no fogo eterno (inferno). Não há segunda chance; a chance de receber o Senhor Jesus é aqui na Terra.

- Além disso, a igreja católica romana ainda divulga a existência do "limbo", local destinado a receber bebês que não foram batizados e que seriam, então, pagãos. cremos, contudo, que os bebês, e as crianças em geral, antes de atingirem a fase da consciência, não devem ser batizadas, estando automaticamente salvas. Recentemente, o Vaticano demonstrou a intenção de retirar o limbo do dogma católico.

- Outros dizem que os crentes, quando morrem, passam para o sono da alma e ficam inconscientes entre a morte e a ressurreição. É a tese defendida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A Bíblia, contudo, apresenta os falecidos como conscientes (Lc. 16.22; 23.43; Fp. 1.23; 2Co. 5.8; Ap. 6.9-11; 14.13). A ressurreição do corpo é uma esperança distintiva do cristão, confessada por todos os ramos da Igreja na face da Terra. Quando o cristão morre, embora o corpo permaneça na terra e seja sepultado, a alma vai imediatamente para a presença de Deus, cheia de alegria. Paulo deixou isso claro: "desejamos, antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor" (2Co. 5.8). Portanto, deixar o corpo (morrer) é estar com o Senhor. E ainda: "tendo desejo de partir e estar com Cristo" (Fp. 1.23). Ou seja, ao partir (deixar este corpo), estaremos imediatamente com Cristo. Jesus também disse ao ladrão que estava morrendo ao lado dEle na cruz: "hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc. 23.43). Portanto, no mesmo dia da morte, não tempos depois, o ladrão estaria no Paraíso com Cristo.

- Há também o "aniquilacionismo", doutrina que sustenta que os ímpios (pessoas que não crêem em Deus) não passariam pelo julgamento e jamais seriam punidos de forma perpétua no inferno; eles seriam, simplesmente, aniquilados, ou seja, deixariam de existir. Essa tese é defendida pelos adeptos da Igreja Mundial de Deus e as Testemunhas de Jeová.

- Existe ainda o "universalismo", ideia não muito popular, mas que afirma que todos alcançarão a completa salvação e ninguém será reprovado. Deus reconciliaria consigo todos os seres humanos, independentemente das obras, méritos e intenções de cada um.

- O islamismo, que tem 1,3 bilhão de seguidores no mundo, ensina que Alah julgará cada ser humano pelas ações que praticou. Aqueles que não tiverem pecado vão para o Paraíso, enquanto os pecadores permanecerão algum tempo no inferno antes de entrar no Paraíso. Apenas os hipócritas religiosos vão permanecer no

inferno.

- O judaísmo, com 15 milhões de seguidores, crê, como os cristãos, que os obedientes viverão para sempre com Deus e os injustos sofrerão no inferno. Entretanto, não crêem que Jesus foi o Messias.

- Mas talvez a maior das heresias nesta área seja a doutrina da reencarnação, seguida por milhões de pessoas, que busca uma continuação para a vida aqui na Terra. A reencarnação seria a possibilidade de uma alma voltar a viver na Terra várias vezes, ligada a um novo corpo. O ciclo do karma duraria até se chegar no estágio de se transformar no inexistente, vindo a ser parte do universo. Essa é a tese defendida pelo espiritismo, que tem 13 milhões de seguidores, e pelo hinduísmo, com 851 milhões de seguidores, e ainda pelo budismo. Tal doutrina é expressamente refutada no livro de Hebreus: "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo" (Hb. 9.27). Ademais, é difícil crer que, depois de tantos milhares de anos em que a humanidade existe sobre a face da Terra, ainda exista pessoas tão más, depois de tantas supostas reencarnações.

Texto da leitura bíblica em classe:

51 Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

- Para o apóstolo Paulo, um mistério não era alguma verdade oculta que somente os iniciados poderiam saber, conforme se dava no caso dos mistérios dos gnósticos. Antes, eram segredos abertos, verdades de Deus anteriormente ocultas, mas agora dadas a conhecer a todos. Todavia, tais mistérios só podem ser dados ao conhecimento geral através de revelação. Visto que usualmente são verdades profundas, alguns elementos permanecem incompreendidos, devido à debilidade do entendimento humano.

- O sono aparece na Bíblia como um eufemismo frequente para indicar a morte física (ver 1 Co. 11.30; 15.16, 18, 20; 1 Ts. 4.13-15), o que faz subentender que a morte é um descanso do labor e das lutas terrenas (Ap. 14.13).

- A expressão "todos seremos transformados" mostra-nos que o apóstolo dos gentios esperava estar vivo quando da *parousia*. Para ele, pois, a segunda vinda de Cristo deveria ser considerada como um acontecimento iminente. Com esta declaração se podem comparar os trechos de 1 Co. 7.29 e 2 Co. 5.2 e ss., que refletem idêntica esperança. Ver também 1 Co. 7.26,31. A passagem de 1 Ts. 4.15 mostra nos que Paulo esperava estar vivo quando da segunda vinda de Cristo, porque ele declara: "... nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem" (ver também Fp. 4.5).

- Quando ocorrer a segunda vinda de Cristo, os crentes mortos ressuscitarão; os crentes vivos serão transformados sem passar pela morte física; e assim todos os crentes receberão o corpo espiritual, recebendo assim a imagem de Cristo. Evidentemente essa expectativa deve perdurar no seio da igreja cristã por todos os séculos, porquanto possui um poder purificador essa esperança. Esse é o seu propósito; e isso se verificará especialmente no caso daquela geração que estiver viva na hora da volta do Senhor.

- Alguns místicos contemporâneos asseveram que o anticristo nasceu em 5 de fevereiro de 1962. É possível que isso exprima uma verdade, e existem muitas outras indicações (de natureza bíblica ou não) que nos ensinam que estamos nos últimos dias. Se assim for, a expectativa aqui expressa por Paulo, haverá de concretizar-se nas vidas de muitos que agora vivem na face da terra. Mas é importante que não especulemos, não procuremos datar a vinda de Cristo, já que nem Ele o fez. O importante é estarmos prontos para a Sua vinda a todo momento, sem necessidade de vãs especulações.

- A expressão "transformados" se refere ao corpo ressurreto (que suplantará o corpo físico), e que será dado à alma como um veículo, sem a intervenção anterior da morte física (ver 1 Co. 15.35 no que tange a

especulações sobre a natureza desse corpo). Certamente ele terá uma substância espiritual pura (ver 1 Co 15.44, pois será um corpo espiritual), não-atômica. Será um veículo apropriado para a alma. A transformação, entretanto, processar-se-á especificamente na própria alma, a qual é a porção essencial e espiritual do homem. O corpo espiritual será apenas um veículo dessa nova forma de vida. A modalidade de vida que o homem tem será transformada para tornar-se similar à própria modalidade de vida de Cristo, havendo a participação em todos os seus atributos (ver Cl. 2.10), e, por conseguinte, a natureza divina e os seus atributos (ver Ef. 3.19 e 2Pe 1.4).

- Os vivos serão transformados da mortalidade para a imortalidade tão rapidamente quanto os mortos serão ressuscitados para a imortalidade. O tempo necessário para isto será de um momento, em um abrir e fechar de olhos (v. 52).

- Níveis diversos de espiritualidade, certamente, exigirão glórias variadas e estados vários entre os crentes, dependendo do estágio de seu desenvolvimento espiritual. Contemplamos até mesmo certa diferença na pura espiritualidade do corpo ressurreto, dependendo do progresso espiritual que tiver sido atingido por cada crente. O progresso, entretanto, sempre será possível para todos. Nos lugares celestiais não haverá estagnação. Os que ali estiverem poderão progredir até o ponto de compartilharem da perfeição de Deus Pai (ver Mt. 5.48). Mas sem dúvida alguma precisarão de mais tempo - e talvez de muito mais tempo - para chegarem a essa perfeição, do que outros. Além disso, tal perfeição não deve ser compreendida por nós como a mera ausência de pecado; antes, é a participação nos atributos positivos do Pai, como o amor, a bondade e a justiça. Essa participação jamais é automática; antes, é fruto da vida espiritual (ver Gl. 5.22-23) sem importar se deste lado ou do outro da existência.

52 num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

- A palavra “momento”, no original grego, é *atomos*, que significa sem divisão. É a única ocorrência desse vocábulo em todo o Novo Testamento. Originalmente esse termo era usado para denotar uma partícula indivisível, devido à sua pequenez. Literalmente, essa palavra significa impossível de ser cortado, ou seja, incapaz de sofrer qualquer divisão. Daí essa palavra veio a indicar qualquer coisa minúscula; e, em referência ao tempo, um instante. Essa ideia o apóstolo procurou esclarecer ainda mais citando um piscar de olho.

- Nossas traduções falam em abrir e fechar de olhos, mas não tem esse significado a palavra empregada pelo apóstolo. A forma verbal dessa palavra pode significar “lançar”, e a sua forma nominal pode significar “lançamento”. Já em outros trechos bíblicos, esse vocábulo significa bater as asas, o zumbido de um inseto, o piscar das estrelas, o salto repentino de um peixe. Está em foco qualquer movimento súbito.

- Tem-se aqui, segundo alguns estudiosos, em verdade, duas trombetas que soarão neste momento. Ao som da primeira trombeta, os mortos ressuscitarão para a imortalidade. Ao som da segunda e última trombeta, os vivos serão transformados para a imortalidade e alcançarão os mortos para se encontrarem com o Senhor nos ares (1Ts. 4.16-17).

- Mui dificilmente há qualquer possibilidade de que essa “última trombeta” diga respeito às várias trombetas alistadas no livro de Apocalipse, embora a última trombeta daquelas que ali são aludidas introduza o estado eterno (ver Ap. 11.15). A primeira epístola aos Coríntios foi escrita muito antes do Apocalipse, não sendo provável que Paulo tenha tomado por empréstimo essa ideia, de alguma tradição oral que antecipasse as descrições do Apocalipse. É vão, pois, tentar construir argumentos, relativos ao tempo do arrebatamento dos crentes ou à sua natureza, através da comparação da trombeta aqui referida com o livro de Apocalipse, como alguns fazem.

- As escrituras do Antigo Testamento já aludiam à trombeta escatológica, e Paulo aludia exatamente àquele

conceito; mas não podemos dizer qualquer coisa com certeza, sobre por qual motivo o apóstolo a chama de última, exceto que, segundo supomos, e isso de maneira vaga, as trombetas anunciam (figuradamente) os atos e decretos de Deus. Por conseguinte, quando terminar o presente ciclo de coisas e o reino de Deus tiver início (por ocasião da *parousia* de Cristo), haverá uma última trombeta, porquanto dar-se-á no final deste ciclo, ou seja, após haverem soado outras trombetas semelhantes, anunciadoras de outros eventos e decretos.

- O que está aqui em foco é a trombeta escatológica do trecho de Is. 27.13 (se porventura tivermos de procurar um paralelo bíblico), que convocará de volta aos dispersos, a fim de adorarem em Jerusalém. Essa trombeta também faz parte do quadro apocalíptico que aparece nos trechos de Mt. 24.31 e 1Ts. 4.16.

- Essa trombeta será última porque indica a última vez em que Deus tratará com o homem, antes do juízo final. Deus já terá advertido antes aos homens, tal como a trombeta avisa um exército que se prepare para as manobras; mas então soará o último desses avisos.

- A trombeta era usada para convocar a assembleia (ver Êx. 20.18; Sl. 81.3; Is. 18.3 e 27.12), ou para soar o alarme. A última trombeta será aquela que concluirá uma série de advertências às nações. (cer Sl. 47.5; Is. 27.13 e Jr. 51.27).

- Não obstante, existem eruditos que pensam que o termo “último” se refere a uma série de três toques de trombeta, conforme era costumeiro fazer nas ordens dadas ao exército romano, em que o toque final era a ordem de marcha, ao passo que os dois primeiros eram apenas preparatórios. Ainda outros intérpretes se referem às trombetas como se fossem as tradições rabínicas. A primeira representaria uma advertência, sendo sacudida a terra; a segunda representaria o pó sendo separado; a terceira representaria a junção de ossos; a quarta representaria o calor infundido aos membros do corpo; a quinta, a cabeça coberta de pele; a sexta, a alma reunificada ao corpo; e a sétima, todos redivivos e já de pé, vestidos com suas roupas.

- Tudo isso, porém, não passa de tolice. É muito melhor considerarmos essa palavra como uma referência geral a uma série de advertências; essas trombetas seriam simplesmente sinais dos pontos que marcam o clímax da história humana, após diversas outras espécies de trombetas divinas, que dariam início a importantíssimos acontecimentos; assim sendo, aquela trombeta seria a última no sentido de ser final, e não porque completaria uma série. Por isso mesmo, as investigações acerca de alguma série que Paulo esperava (e também qualquer estudo sobre qualquer série) são fúteis, e só podem levar os estudiosos a várias conclusões errôneas. Resta dizer que essa trombeta (como todas as demais) representa a ocorrência súbita de algum acontecimento, como feito de Deus, não estando em foco qualquer trombeta literal, feita de metal, que deva soar algures.

- A expressão “...os mortos ressuscitarão incorruptíveis...” denota o corpo glorificado e espiritual, igual ao corpo ressuscitado de outros crentes, mas que será dado sem a intervenção da morte física (ver a natureza desse corpo descrita nos versículos 20, 35 e 40 deste capítulo). Ora, tudo isso ocorrerá num ápice de tempo. Não será algum longo processo para todos quantos sobreviverem até a segunda vinda de Cristo. Nesse exato instante todos os remidos se tornarão seres imortais, e os que estiverem vivos até aquele instante não experimentarão a morte física.

- O termo "incorruptíveis" aqui é tradução do grego *aphthartos*, significando também "imortal". Este termo é traduzido uma vez como imortalidade de Deus em 1Tm. 1.17. Normalmente se refere à incorruptibilidade do homem (1Pe. 3.4).

- É interessante, como já frisamos, que Paulo esperava esse grandioso evento para os seus próprios dias de vida, como algo que pudesse ocorrer a qualquer instante (isto é, seria iminente). Por isso mesmo ele se considerava estrangeiro e peregrino na terra, visto que a sua verdadeira cidadania estava no reino eterno.

53 Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade.

- O vocábulo “convém” salienta o pensamento de que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, conforme lemos no versículo 50. Portanto, os mortos deverão ser ressuscitados com um corpo espiritual; e os crentes que estiverem vivos, ao tempo do retorno de Jesus Cristo, deverão revestir-se desse corpo espiritual, mediante o processo da transformação.

- Temos neste versículo, na expressão “corruptível...incorruptibilidade”, o mesmo contraste que aparece nos versículos 42 e 52.

- A palavra "mortal" aqui é tradução do grego *thnetos*, que também pode significar "humano". É traduzida como "mortal" também no v. 54 e em Rm. 6.12, 8.11, 2Co. 4.11 e 5.4.

- A expressão “mortal” revela a presente condição humana, que se caracteriza pelo declínio, pela decadência e pela dissolução, a luta contra o princípio do pecado, o meio ambiente humano dos homens não-redimidos, e contra o qual os próprios remidos precisam lutar, por ser um ambiente adâmico, terreno. (ver os versículos 45 e 46). A sorte humana, em sua inteireza, está sumariada na palavra mortal. A mortalidade que atualmente possuímos transparece claramente em face da necessidade de termos, como veículo de expressão, um corpo mortal, ao qual Paulo alude especialmente aqui. Esse veículo está sujeito ao declínio, à decadência e à dissolução final, sendo depositado em fraqueza no sepulcro (ver o versículo 43).

- Por semelhante modo, o corpo mortal é sepultado em desonra (ver o versículo 43) e em corrupção (ver o versículo 42). Fazendo contraste com isso, o corpo espiritual será ressuscitado em incorrupção, em poder e em glória.

- Paulo usa aqui a figura simbólica do vestir roupas, posto que o corpo espiritual será a cobertura da alma, acompanhamento da vida essencial e seu veículo de expressão. Quando da morte do corpo mortal haverá o despir, com a nudez disso resultante (Ver 2Co. 5.3 quanto a essa figura simbólica). Mas a ressurreição reveste novamente a alma. Então, por ocasião da transformação do ser, a vestimenta imortal será posta por cima da antiga vestidura, a qual é absorvida no processo dessa transformação, como que passando para a imortalidade. Durante esse processo não há nenhum despir da alma; e uma mudança instantânea de vestes ocorre, sem haver a remoção real da primeira. Paulo falava em linguagem simbólica; de maneira geral compreendemos o que ele queria dizer, embora sem pretendermos compreender o *modus operandi* e a natureza real de tais transações.

- Paulo se utiliza do vocábulo “imortalidade” somente aqui, no versículo seguinte e em 1Tm. 6.16. Porém, nos clássicos, seu aparecimento é frequente. É ali empregado para descrever os deuses imortais, em contraste com os homens mortais. Literalmente, essa palavra indica apenas a forma negativa de morte, ou seja, o não-morrer. Deus é imortal, conforme aprendemos em 1Tm. 6.16, onde o mesmo termo é usado. Platão se utilizou dessa palavra para qualificar a alma humana; porque, para ele, a alma era preexistente, até mesmo eterna, visto que participava da natureza do mundo eterno, que certamente é pós-existente, já que nada pode destruir a natureza da eternidade. E Paulo concorda com essa avaliação, segundo lemos no primeiro capítulo da epístola aos filipenses e no quinto capítulo da segunda epístola aos coríntios, embora não tenha lançado mão dessa palavra acerca de almas desencorporadas.

- A imortalidade, dentro do pensamento grego, com frequência significava a divinização do homem, e não apenas a sobrevivência da alma, visto que a verdadeira imortalidade envolve mais do que a mera sobrevivência; antes, era considerada a participação na vida dos seus deuses. Esse conceito também aparece no cristianismo, na forma de participação na vida de Deus, sendo um de seus mais importantes conceitos.

- A verdadeira imortalidade não consiste da mera sobrevivência da alma, juntamente com a glorificação, conforme alguns ensinavam evidentemente em Corinto. Ao contrário, é uma forma de vida, e não apenas vida

sem fim (ver Jo. 3.15). Ela indica a participação na própria forma de vida de Deus (ver Jo. 5.25-26), com seus atributos (plenitude) (ver Ef. 3.19). Isso se concretizará através da participação na natureza e nos atributos de Cristo (ver Cl. 2.10), com a mediação da autêntica filiação, a qual é um sinônimo da salvação. Portanto, a verdadeira imortalidade consistirá da participação na natureza divina (ver 2Pe. 1.4). Deus possui essa natureza em grau infinito e perfeito. Os remidos compartilharão dessa realidade, mas apenas finita e parcialmente. A eternidade inteira, entretanto, será utilizada pelos remidos para que cheguem a participar mais e mais dos atributos divinos, com base em uma participação crescente e poderosa na forma de vida divina. É exatamente disso que consistirá a glorificação, e isso envolverá o processo eterno. Em que pese haver uma infinitude com que seremos cheios, também haverá um enchimento infinito.

- Por essa mesma razão é que o cristianismo não contempla a alma desencorporada, embora viva e dotada de uma existência superior do que quando estava vestida de um corpo mortal, como se fosse isso a consumação do plano divino para o homem. Antes, a concretização do plano divino tem lugar através do revestimento com o corpo espiritual; e a fusão entre o corpo espiritual e a alma é que resulta na imortalidade, uma imortalidade semelhante à do próprio Deus.

54 E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória.

- Paulo cita aqui a passagem de Is. 25.8, onde Deus diz que o Senhor traga a morte, onde a morte aparece como uma alusão ao poder ofensivo do exército assírio. Paulo toma essa passagem, pois, e faz com que ela ensine a esperança da imortalidade, e não a mera esperança de livramento das mãos de um adversário brutal. Tais modificações de sentido, de alguma maneira ou de outra, não são infrequentes nos escritos de Paulo, porquanto algumas vezes ele cita bem livremente as passagens do Antigo Testamento, dando às suas palavras um sentido bem diferente, e certamente mais elevado. Paulo via o poder de Deus tragando a morte em favor de todos os homens, conferindo-lhes em seguida a imortalidade, com a mesma facilidade com que o profeta Isaías viu a derrota do exército assírio. A condenação proferida contra Adão (Gn. 3.19) aqui é revertida. Dessa maneira, por conseguinte, a morte será aniquilada, e o Senhor Deus, bem como o princípio da vida que ele representa, tornar-se-ão tudo em todos, ou seja, tudo quanto é mister para todos os remidos.

- Essa será a derrota final e definitiva do rei dos terrores (Comparar com o trecho de Hb. 2.15).

- A expressão "tragada" é tradução do grego *katapino*, usada também em Mt. 23.24, 2Co. 2.7, 5.4, Hb. 11.29, 1Pe. 5.8, Ap. 12.16, com o mesmo sentido. Já a palavra "vitória" é tradução de *nikos*, usada também nos versículos 55, 57 e em Mt. 12.20, com o mesmo sentido.

- Literalmente traduzidas, as palavras finais "na vitória" seriam "visando a vitória". Como expressão idiomática, essa expressão pode significar "para sempre", embora não tenha esse sentido aqui. E também não está em foco a ideia de "completamente". O contexto é que define o uso dessa expressão: a vitória em foco será o fim do poder do exército pela morte, pelo sepulcro; e então os homens serão revestidos pela imortalidade.

- A morte será totalmente derrotada. Em foco acham-se a morte física e a morte espiritual. O princípio inteiro da morte sofrerá um golpe esmagador, e assim será eliminada a morte do universo. No caso dos crentes, isso significará a participação na própria forma de vida que Deus tem. Todavia, essa derrota da morte será universal, e terá certa aplicação até no caso dos perdidos. De certa maneira, todos serão vivificados em Cristo.

- Cristo devorará a morte com tão retumbante vitória que nunca mais ela reconquistará o seu poder. (Ver Os. 6.2; 2Co. 5.4; Hb. 2.14-15; Ap. 20.14 e 21.4).

- A versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do Antigo Testamento para o grego, completada

cerca de duzentos anos antes da era cristã), quanto ao texto de Is. 25.8, reveste o sentido do texto hebraico, dizendo: “Tendo prevalecido a morte, tragou...”. Já no original hebraico, Deus aparece como o vitorioso, e a morte figura como a vítima; e isso também concorda com a versão grega de Teodócio, que traduz as palavras do apóstolo ainda com maior precisão.

55 Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?

- Paulo cita aqui o trecho de Os. 13.14, embora dê um sentido bastante diferente às palavras do texto citado (conforme o que se subentende pelos versículos que aparecem em seguida no livro de Oséias), porquanto em Oséias, longe de haver uma promessa de vitória sobre a morte, há o terrível pronunciamento de que haveria condenação e destruição.

- No original hebraico, pois, a passagem de Oséias questiona: "onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição?". A resposta a essas perguntas aparece logo em seguida (com um "não"): "O arrependimento será escondido de meus olhos. Ainda que ele dê fruto entre os irmãos, virá o vento leste, vento do SENHOR, subindo do deserto, e secar-se-á a sua nascente, e secar-se-á a sua fonte; ele saqueará o tesouro de todos os vasos desejáveis". Os versículos que aparecem em seguida, no livro de Oséias, ainda são muito fortes em seu espírito de condenação.

- No entanto, Paulo vê um futuro diferente para todos aqueles que confiam em Jesus Cristo. Talvez ele não fizesse reivindicação alguma de ter usado as palavras conforme elas são usadas na profecia original, mas tão-somente lançou mão delas como convenientes, como palavras de expressão feliz, que se harmonizavam bem com o seu hino à imortalidade.

- Sim, onde está a vitória da morte? Foi aniquilada (ver 1Co. 1.20 e Rm. 3.27). O temor da morte, que serve de praga para os homens, se desvaneceu (1Jo. 3.14).

- A morte é aqui representada como se fosse uma espécie de escorpião ou outra criatura qualquer, temível para o homem, que pode ferir ou matar com sua ferroada venenosa. O aguilhão é que transporta o veneno, mortal para os homens. Mas Deus destruiu o aguilhão, deixando o animal seu possuidor impotente para causa dano.

- A palavra grega aqui usada (*kentron*) e traduzida como aguilhão tem esse mesmo sentido no v. 56, em At. 9.5, 26.14 e Pv. 26.3 (na Septuaginta), mas aparece com o sentido de ferrão de uma abelha no livro apócrifo de IV Macabeus 14.19, ou como o ferrão dos gafanhotos infernais em Ap. 9.10.

- Ao invés de morte, alguns manuscritos e traduções dizem sepulcro (*hades*). No entanto, todas as demais traduções dizem morte, em ambas as ocorrências dessa palavra neste versículo, ao invés da sequência “ó morte... ó inferno”. E isso representa uma evidência textual esmagadora em favor da variante morte, em ambos os casos. Todavia, alguns escribas modificaram a segunda ocorrência dessa palavra, a fim de que a citação se assemelhe mais ao trecho de Os. 13.14. A versão da Septuaginta diz "sepulcro".

- Além disso, alguns estudiosos têm sugerido que o duplo uso que Paulo fez do vocábulo morte, o que vai de encontro tanto ao hebraico como à versão da Septuaginta, quanto àquela passagem do livro de Oséias, foi proposital. É possível que o apóstolo tenha agido assim a fim de evitar o sentido desagradável dado pelos povos pagãos à palavra grega *hades*. Alguns chegavam mesmo a evitar pronunciar esta palavra, pensando que a mesma envolvia um mau presságio. Por essa razão é que escreveu Platão: “O povo em geral usa a palavra Plutão como eufemismo para *hades*, que os temores deles levam-nos a derivar erroneamente de *aeides*, o invisível” (Cratylus, 403). Porém, na realidade não dispomos de meios que nos capacitem a saber por qual razão Paulo modificou essa palavra. É verdade, seja como for, que Paulo jamais emprega a palavra grega *hades* em seus escritos, e que até mesmo em Rm. 10.7, onde se poderia esperar o emprego desse termo, ele preferiu lançar mão do vocábulo "abismo".

- O inferno é personificado aqui como um vencedor que tem em mãos as suas vítimas derrotadas. Ele perderá as suas vítimas no final do Milênio, quando elas serão julgadas, e a morte e o inferno serão lançados no lago de fogo, completamente vencidos (Ap. 20.11-15).

- A palavra "inferno" é definida em nossos dicionários como "local subterrâneo habitado pelos mortos; para os cristãos, lugar ou situação pessoal em que as almas pecadoras se encontram após a morte, submetidas a penas eternas". *Geena* é definido como "lugar de suplício eterno pelo fogo". *Tártaro* é definido como "lugar profundo e subterrâneo; inferno".

- Há sete palavras hebraicas e gregas traduzidas como "inferno" e "sepultura" na Bíblia: 1) *Sheol* (hebraico) descreve o mundo invisível; sempre se refere ao mundo dos espíritos dos mortos e é contrastado com o termo hebraico *qeber*, que significa "sepultura" ou "o mundo visível" onde os cadáveres são enterrados; é traduzido como "inferno" 31 vezes (Dt. 32.22; 2Sm. 22.6; Jó 11.8; 26.6; Sl. 9.17; 16.10; 18.5; 55.15; 86.13; 116.3; 139.8; Pv. 5.5; 7.27; 9.18; 15.11,24; 23.14; 27.20; Is. 5.14; 14.9,15; 28.15,18; 57.9; Ez. 31.16,17; 32.21,27; Am. 9.2; Jn. 2.2; Hc. 2.5); como "sepultura" 31 vezes (Gn. 37.35; 42.38; 44.29,31; 1Sm. 2.6; 1Rs. 2.6,9; Jó 7.9; 14.13; 17.13; 21.13; 24.19; Sl. 6.5; 30.3; 31.17; 49.14-15; 88.3; 89.48; 141.7; Pv. 1.12; 30.16; Ec. 9.10; Ct. 8.6; Is. 14.11; 38.10,18; Ez. 31.15; Os. 13.14); e como "abismo" 3 vezes (Nm. 16.30,33; Jó 17.16); 2) *Qeber* (hebraico) sempre é traduzido como "sepultura", "lugar de sepultamento", "sepulcro"; corretamente, nunca é traduzido como "inferno"; sempre diz respeito ao lugar para onde o corpo vai depois da morte (Gn. 23.4,6,9,20; 35.20; 47.30; 49.30; 50.13; 50.5; Ex. 14.11; Nm. 19.16,18; Dt. 34.6; Jz. 8.32; 16.31; 1Sm. 10.2; 2Sm. 2.32; 3.32; 4.12; 17.23; 19.37; 21.14; 1Rs. 13.22,30,31; 14.13; 2Rs. 9.28; 13.21; 21.26; 22.20; 23.16,17,30; 33.6; 2Cr. 16.14; 21.20; 24.25,38; 26.23; 28.27; 32.33; 34.4; 35.24; Ne. 2.3,5; 3.16; Jó 3.22; 5.26; 10.19; 17.1; 21.32; Sl. 5.9; 88.5,11; Ec. 6.3; Is. 14.19,20; 22.16; 53.9; 65.4; Jr. 5.16; 8.1; 22.19; 26.23; Ez. 32.22-25; 37.12,13; 39.11; Na. 1.14); 3) *Hades* (grego) é usada para descrever o mundo invisível; é equivalente a *sheol* no Antigo Testamento e sempre está em contraste com o termo *mnemeion*. É traduzida 10 vezes como "inferno" (Mt. 11.23; 16.18; Lc. 10.15; 16.23; At. 2.27,31; Ap. 1.18; 6.8; 20.13,14) e 1 vez como "sepultura" (1Co. 15.55); 4) *Mnemeion* é o termo grego adequado para "sepultura", referindo-se ao mundo visível, ou lugar dos cadáveres; é traduzido como "sepultura", "túmulo", "sepulcro" ou sinônimos (Mt. 8.28; 23.29; 27.52,53,60; 28.8; Mc. 5.2-5; 6.29; 15.46; 16.2-8; Lc. 8.27; 11.44,47,48; 23.53,55; 24.1,2,9,12,22,24; Jo. 5.28; 11.17,31,38; 12.17; 19.41,42; 20.1-11; At. 2.29; 7.16; 13.29; Ap. 11.9); 5) *Geena* é o termo grego derivado do hebraico *ge*, precipício ou vale, e *Hinom*, um nome jebuseu; significa "vale de Hinom", um lugar semelhante a um aterro sanitário onde havia fogo queimando ininterruptamente para consumir o lixo produzido pelos moradores de Jerusalém; o termo passou a ser usado pelos judeus para descrever de forma apropriada o inferno eterno ou castigo eterno; é traduzido como "inferno" 12 vezes (Mt. 5.22,29,30; 10.28; 18.9; 23.15,33; Mc. 9.43-47; Lc. 12.5; Tg. 3.6); corretamente, nunca é traduzido como "sepultura"; 6) *Tartaros* (grego), do latim *tartarus*, significa "lugar profundo", "abismo"; é empregada apenas em 2Pe. 2.4, como uma prisão para anjos, localizada debaixo da terra, um lugar de confinamento para anjos até o juízo final (Ap. 20.11-15; Jd. 6); foi visitado por Cristo quando Ele foi ao inferno (Sl. 16.10; 1Pe. 3.19); Judas o descreve como um lugar de escuridão, de fogo eterno e de vingança (Jd. 6-7); em manuscritos gregos, *tartaros* era considerado um lugar na terra mais interior que o *hades*, onde os titãs, primeiras deidades, ou os gigantes que supostamente foram os primeiros filhos da terra, e mais velhos que os deuses gregos, foram lançados quando perderam sua batalha contra Zeus; 7) *Limnen tou puros* (grego), expressão que significa "lago de fogo", ou "*geena* de fogo"; é o inferno eterno e a perdição de todos os espíritos e homens rebeldes contra Deus; é usada 5 vezes (Ap. 19.20; 20.10-15; 21.8).

- De todo o exposto, fica claro que o inferno não é a sepultura, como alguns afirmam, mas um lugar de consciência e tormento. É, ademais, um lugar real, não imaginário, uma ideia apenas. Note que Jesus, quando falou do rico e do Lázaro, disse "havia" (Lc. 16.19-20). Não se trata de uma parábola, como muitos dizem, mas de um relato real, um fato verdadeiro, uma história de dois mendigos, um que mendigava nesta vida, e outro, na vida futura. Este ensinamento confirma a diferença extrema da eternidade para o justo e para o ímpio. Não é uma condenação da riqueza, mas uma condenação de qualquer pessoa que rejeite a Cristo. Este

ensinamento também confirma que os salvos, antes do Calvário, eram levados pelos anjos para o Paraíso (Lc. 16.22; 23.43); após o Calvário, o justo vai para o céu (2Co. 5.8; Fp. 1.21-24; Ap. 6.9).

- Com frequência se encontra a personificação da morte, nas pinturas antigas, um esqueleto coroadado, com uma lança na mão, ideia essa mui provavelmente excluída desta descrição do apóstolo. Mas os judeus representavam o anjo da morte como alguém munido de espada, da qual gotas mortais de fel caem nas bocas de todos os homens.

- “Morte”, neste caso, certamente indica a morte física. Porém, visto que a ressurreição conduz à imortalidade, e isso envolverá os remidos do pecado, a morte também deve ser considerada aqui como a segunda morte e o seu resultado no caso dos perdidos. Até mesmo no caso da segunda morte haverá certa vitória, o que pode ser visto na existência imortal que Cristo conferirá a todos os seres humanos, mas sobretudo aos eleitos (os quais receberão a vida eterna).

- A morte será esmagada e perderá seu poder. Estão aqui em pauta tanto a morte física quanto a morte espiritual. A missão de Cristo elevava os eleitos ao nível da vida eterna (ver Jo. 3.15). Contudo, os perdidos também serão beneficiados parcialmente. Existe uma preciosa economia que envolve as operações de Deus em seu universo. Nada, finalmente, será inútil e isso no sentido mais completo e total.

56 Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

- Quanto a palavra "aguilhão", ver o que dissemos no comentário ao versículo anterior.

- Aquilo que outorga à morte seu poder mortífero e que persegue aos homens qual praga, é o pecado. O fato que o pecado produz a morte é uma afirmação paulina, e isso concorda tanto com a lógica como com a revelação espiritual, tendo sido uma verdade esclarecida pelo apóstolo Paulo em outros trechos (Rm. 5.12 e ss.; 6.23 e 7.13).

- O fato de que é a lei que empresta ao pecado o seu poder é ideia igualmente paulina, sendo igualmente lógica, conforme a razão e o bom senso espiritual. Ver esse argumento desenvolvido no trecho de Rm. 7.8, onde se lê: “...porque sem a lei, estava morto o pecado”. Todo o capítulo 7 da epístola aos Romanos desenvolve esse tema, servindo de melhor comentário que existe sobre essa questão.

- Onde não há lei, pode haver faltas, mas não pode haver rebelião, não pode haver desafio consciente do que a autoridade porventura prescreveu. Contra a lei, entretanto, pode haver rebeldia, e a rebeldia merece a morte. Cristo, através da sua obediência, contou com a lei ao seu lado e conquistou a morte, porque não merecia ele a morte. Quando os crentes foram revestidos de imortalidade e tudo quanto for mortal dissolver-se ou for absorvido, então o pecado será abolido, e as restrições impostas pela lei se tornarão sem sentido.

- Sem a lei, o pecado não é discernido e nem imputado (Rm. 3.20-4.15 e 5.13). A lei agrava o pecado contrastando-o com a vontade evidenciada de Deus.

- O significado é que a morte, tal como um escorpião, possui ferrão, um poder fatal que lhe foi outorgado por meio do pecado e a força do pecado é a lei. Isso tem sido compreendido ou como o despertamento do pecado e o poder fortalecedor do pecado, que dá energia à lei, no sentido do trecho de Rm. 7.7 e ss.; ou no sentido de seu poder condenador (ver 2Co. 3.6 e ss. e 2Co. 9); ou ambas as ideias aqui expostas combinadas.

57 Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo.

- Deus é o manancial da vida, tanto da física como da espiritual, cujos decretos têm dado aos homens o mais

elevado destino possível, a saber, a participação da própria vida divina e suas perfeições. Não obstante, a justiça de Deus não permitirá que isso se concretize enquanto a barreira do pecado e da degradação impedir que o homem se aproxime daquela perfeição de que necessita para que possa ficar de pé na presença de Deus. Todavia a graça que há em Cristo, a sua redenção pelo Seu sangue, tem provido o meio necessário para que fique eliminado o pecado e também a sua sócia, a morte. Também ficou satisfeita a lei, a qual, embora santa, tornara-se aliada do princípio do pecado-morte, porquanto emprestara ao mesmo toda sua força. Mas as provisões de Deus nos conferem a vitória; e em vista disso expressara o apóstolo as suas mais profundas ações de graça.

- O que a lei não poderia fazer no sentido de nos dar poder sobre o pecado e a sentença de morte eterna, Jesus Cristo tem feito por aquele que quer vitória (Rm. 8.2-4; Mt. 1.21; Ef. 1.7; 2.8,9; Hb. 7.25; 1Jo. 1.7-9; 3.5-10; 5.18).

- Em que sentido Paulo fala de vitória neste versículo? Houve vitória sobre o princípio do pecado-morte. Há vitória para sermos vencedores, a despeito do fortalecimento desse princípio por causa da lei. Em outras palavras, uma graciosa provisão foi feita em Cristo, mediante a qual um homem, completamente condenado pela lei, e com toda a justiça, contudo, pode retornar a Deus por intermédio de Cristo, mediante a fé nele (ver Rm. 5.1-11 e Ef. 2.8-10). Mas este capítulo inteiro requer que a vitória mencionada inclua não somente o perdão dos pecados e caminho da aproximação a Deus (assim revertendo os efeitos da queda no pecado), mas também que uma vida muito elevada seja incluída nessa ideia.

- Expressa-se aqui a vitória da verdadeira imortalidade. Nisso está envolvida uma imensa vitória, que muitos homens bons têm olvidado. A missão de Cristo não pode fracassar, embora venha a ter êxito sob diferentes formas, no que se aplica a diversos seres (ver Ef. 1.10 quanto a esse conceito). Para os eleitos, essa vitória significará a grandiosidade da salvação e da vida eterna (ver Jo. 3.15 e Hb. 2.3). Tudo quanto for inferior, tudo quanto for físico, tudo quanto for desastre e obstáculo, tudo quanto for desapontamento, será tragado para sempre no grito de vitória da vida eterna. Essa vitória transbordará por sobre a criação inteira, e não apenas sobre os eleitos. (Sobre como isso poderá ser, ver 1Co. 15.28).

- Paulo usa aqui o título completo de Jesus de Nazaré (“nosso Senhor Jesus Cristo”), como uma honra a Ele prestada, como também a fim de lembrar-nos de Seu senhorio, mediante o que obtemos a vitória que Ele mencionou (ver Rm. 1.4).

- Essa vitória, que nos está reservada essencialmente para o futuro, é considerada como certa, infalível; e isso pelos seguintes motivos: 1) Cristo ressuscitou, e Ele é a garantia de nossa própria entrada na vida eterna plena, através do recebimento do corpo espiritual; 2) isso é prometido aos crentes mortos, aos quais Jesus trará em Sua companhia, e através da transformação daqueles outros crentes que continuaram vivos até ao Seu segundo advento; 3) a morte de Cristo fez expiação por nós e quebrou de vez o poder do pecado e dos poderes espirituais malignos (Rm. 3.24 e Cl. 2.15); 4) a vida de Cristo também é nossa e exerce seus efeitos transformadores em todos os níveis da existência (Rm. 5.10); por meio da vida de Cristo é que estamos salvos, tanto agora como para o futuro; participamos de Sua vida ressurrecta e assunta aos céus; o fato que ele possui tal forma de vida garante que também a possuímos e a possuiremos em toda a sua plenitude, quando de Sua segunda vinda.

- Aqui foi usado, no original grego, o particípio presente ("Que nos está dando a vitória"), porque se trata de um processo que continua interminavelmente, à proporção em que os crentes se apropriam daquilo que foi conquistado para eles por Cristo, e, na força de Cristo, conquistam a morte (ver 2Co. 12.9; 1Ts. 4.8; comparar com Rm. 8.37).

- Pode-se ver o contraste disso nas palavras de Sir Walter Raleigh, com as quais ele conclui a sua obra, intitulada História do Mundo: “Portanto, somente a morte pode levar um homem a conhecer a si mesmo subitamente. Ela mostra, aos orgulhosos e insolentes, que eles são seres abjetos, humilhando-os em um

instante; e fá-los clamarem, queixaram-se e arrependem-se; sim, até mesmo odiarem sua felicidade passada. A morte chama os ricos a prestarem contas, mostrando-lhes que são paupérrimos, esmoleres desnudos, que não têm interesse em coisa alguma, senão no bocado que lhes enche a boca. A morte apresenta uma taça perante os olhos das pessoas mais belas, e leva-as a perceberem ali a sua deformidade e podridão; e elas reconhecem tudo. Ó eloquente, justa e poderosa morte! A quem ninguém podia aconselhar, tu persuadiste; o que ninguém ousara ainda, tu fizeste; e a quem o mundo inteiro lisonjeara, tu somente o lançaste fora do mundo e o desprezaste. Reuniste toda a excessiva grandeza, todo o orgulho, toda a crueldade e ambição dos homens; e cobriste a todos eles com aquelas duas breves palavras: Aqui jaz”. Quão mais nobre é a obra de Cristo, o qual nos propicia a vida, que a obra da morte; e quão mais importante é.

- Se a morte pudesse agir à sua vontade, não haveria mais lembrança de qualquer ser humano que porventura já viveu. Porém, Cristo Jesus garante que ninguém será esquecido, e também que a vida triunfará, finalmente. Por tudo isso, Paulo agradecia ao Senhor.

Referências bibliográficas:

- AKER, Benny C. **Comentário bíblico pentecostal: novo testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- Bíblia Apologética de Estudo. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- **Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal**. Editora CPAD, 2003.
- BISSI, Ronaldo. **A morte para o verdadeiro cristão**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br/>.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, v. 4. Editora Hagnos, 2002.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **A morte para o verdadeiro cristão**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- DUARTE, Olivio. **A morte para o verdadeiro cristão**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.assembleiadedeus.org.br/>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- SANTOS, Luciano. **A morte para o verdadeiro cristão**. Subsídio publicado no site <http://www.lucianosantos.net>.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.
- SILVA, Eliezer de Lira e. **Lições bíblicas: vencendo as aflições da vida - muitas são as aflições do justo, mas o Senhor o livra de todas**. Editora CPAD, 2012.

